

DA SOLIDÃO AO RECOLHIEMNTO O DESERTO ÁRIDO TRANSFORMA-SE EM JARDIM

Não é fácil suportar «a solidão» intrínseca à nossa própria natureza humana. Só Deus pode entrar nele e dar-nos a verdadeira paz. Os relacionamentos humanos, a amizade e o amor, poderão suaviza-la, mas não a poderão apagar. Contudo, a solidão é um deserto que pode transformar-se em jardim, florescer, tornar-se fecundo e dar frutos.

É este o caminho da conversão da solidão em recolhimento. Em vez de fugirmos da nossa solidão, de esquecê-la ou negá-la, como se não existisse podemos assumir uma atitude positiva: protegê-la e transformá-la em terreno fecundo. A vida espiritual exige não só a descoberta da nossa solidão, mas também a coragem de entrarmos nela, de a enfrentarmos, para que ela manifeste os seus tesouros escondidos. O deserto da nossa solidão pode transformar-se em jardim, através do de recolhimento e com esforços carinhosos e persistentes. Isto exige não apenas coragem, mas também uma fé forte. Tal como é difícil acreditar que o deserto seco e desolado se possa transformar num jardim fecundo, cheio de incontáveis variedades de flores e de frutos, assim, é igualmente difícil imaginar que a nossa solidão possa florescer e revelar uma beleza desconhecida.

O início da vida espiritual

O encontro doloroso com a nossa solidão interior e o recolhimento que a transforma em jardim constitui o início de qualquer vida espiritual, porque é o movimento dos sentidos inquietos para o espírito sereno, dos desejos de exteriorização para a busca interior, de uma relação maçadora e amedrontada para o gozo destemido.

Há pouco tempo, um estudante que refletia na sua própria experiência, escreveu:

Quando a solidão me assombra com a possibilidade de se tratar de um início e não de um beco sem saída, de uma nova criação

em lugar de um bico cego, de um lugar de encontro em vez de um abismo, então o tempo perde a sua garra desesperada sobre mim. Então já não preciso mais de viver numa atividade frenética, esmagado e temeroso de ter perdido alguma oportunidade.

É difícil acreditar que o deserto árido se transforme em jardim. Muitas procuramos pessoas sábias para lhes expor os nossos problemas, na secreta esperança de que eles partilhem o nosso fardo e nos libertem da nossa solidão. Mas o alívio que nos oferecem é temporário. Mas por vezes encontramos uma pessoa excepcional que nos indica o caminho certo: *«Não fujas, mas mantém-te sossegado e silencioso. Escuta o teu confronto com muita atenção. A resposta está escondida no teu próprio coração»*.

O verdadeiro guia espiritual não é aquele que nos dá conselhos, mas sim, aquele que nos oferece a possibilidade de ficarmos sós e correremos o risco de entrar na nossa própria experiência. É aquele que nos ajuda a perceber que a nada serve aspergir algumas gotas de água na nossa terra seca quando possuímos um poço de «água viva». Basta cavar bem fundo sob a superfície das nossas queixas.

Não é fácil aprender a esperar a madrugada e, em vão procuramos soluções rápidas que não existem. Em vez de entrar no deserto, preferimos experimentar os mais diversos tipos de anestésicos ou «paralisadores psíquicos», muitas vezes mais agradáveis do que por um controle ascético à nossa sensibilidade interior. As nossas deceções deveriam, ao menos, lembrar-nos a nossa predileção mórbida por bicos sem saída.

Contudo, as poucas vezes em que obedecemos aos nossos severos mestres e escutamos com mais atenção os nossos corações inquietos, podemos começar a sentir que, no meio da nossa tristeza, existe alegria, que no meio dos nossos medos, existe paz, que no meio da nossa cobiça, existe a possibilidade de viver a compaixão e que, de facto, no meio da nossa desgostosa solidão podemos descobrir o início de um recolhimento sereno.